



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**AS FESTAS EM HONRA A SATURNO: A SATURNÁLIA EM
HORÁCIO**

Júlia Bastos Fernandes

Rio de Janeiro

2024

JÚLIA BASTOS FERNANDES

AS FESTAS EM HONRA A SATURNO: A SATURNÁLIA EM
HORÁCIO

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Letras na habilitação Português/Latim.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Arlete José Mota

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

F363f Fernandes, Júlia Bastos
AS FESTAS EM HONRA A SATURNO: A SATURNÁLIA EM
HORÁCIO / Júlia Bastos Fernandes. -- Rio de
Janeiro, 2024.
37 f.

Orientador: Arlete José Mota.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
2024.

1. Horácio. 2. Sátira. 3. Conceito de Liberdade.
4. Saturnália. 5. Saturno. I. Mota, Arlete José,
orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JÚLIA BASTOS FERNANDES

DRE: 119169993

AS FESTAS EM HONRA A SATURNO: A SATURNÁLIA EM HORÁCIO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português/Latim.

Data da avaliação:

Banca Examinadora:

Profª Drª Arlete José Mota – Presidente da Banca Examinadora

Faculdade de Letras / Departamento de Letras Clássicas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA:

Prof. Dr. Renan Moreira Junqueira – Leitor-crítico

NOTA:

Faculdade de Letras / Departamento de Letras Clássicas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA:

Assinatura dos avaliadores:

Dedico este trabalho aos meus pais, a todas as pessoas que se fizeram presentes durante a minha caminhada acadêmica e às que já foram levadas pelo tempo, mas que permanecem vivos na minha memória.

AGRADECIMENTOS

Estar onde estou agora sempre foi um grande sonho e agora estou ainda mais perto de concluir esta etapa tão especial em minha vida. Primeiro, agradeço a Deus pelo amparo e pela oportunidade de viver tantos momentos incríveis.

Agradeço imensamente aos meus pais, Alessandra e Ralfe, por serem presentes e por sempre me apoiarem para que eu consiga conquistar meus objetivos. Saibam que vocês enchem meu coração de gratidão. Agradeço também ao meu irmão Davi pela torcida e apoio. Um agradecimento muito mais que especial para minha bisa Jurema, por quem tenho um amor único.

Um agradecimento especial ao Matheus, que além de namorado, é um grande amigo, que acompanha minha jornada acadêmica desde o início e sempre me apoia e incentiva.

Agradeço à minha orientadora Arlete, que fez parte da minha graduação e que topou me auxiliar na monografia. Para mim, é um presente poder contar com alguém que tanto admiro.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus amigos, em especial aqueles que dividiram comigo os momentos da graduação. Aos amigos latinistas, da Letras e dos Alunos Contadores de Histórias, muito obrigada por tornarem minha graduação ainda mais especial.

Fica aqui meu agradecimento para as pessoas e os familiares que se fazem presentes na minha vida, pelos quais tenho muito carinho.

Agradeço à UFRJ por ampliar meus horizontes e por abrir tantas portas para um novo mundo. Que esse seja apenas o início de uma longa caminhada profissional!

“Ser você mesmo em um mundo que constantemente tenta te transformar em algo diferente é a maior realização.”

Ralph Waldo Emerson

RESUMO

FERNANDES, Júlia Bastos. **As Festas em Honra a Saturno: A Saturnália em Horácio**. 2024. Monografia (Licenciatura em Letras, na habilitação Português/Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O presente trabalho de monografia tem como propósito analisar a sátira 7, do livro II de Horácio, trazendo à luz as reflexões colocadas na composição sobre o conceito de liberdade atrelado ao autoconhecimento. A sátira tem como característica criticar os vícios sociais através do riso. O texto analisado acontece durante a Saturnalia, festa em honra ao deus Saturno, que ficou conhecida pela liberdade concedida ao povo em Roma, sendo uma festividade muito importante do calendário romano. Saturno foi um antigo deus itálico conhecido como deus do tempo, mas, principalmente, como deus da colheita. Ter a Saturnália como pano de fundo da sátira II, 7, torna-se essencial para que o diálogo entre os personagens aconteça, gerando reflexões pertinentes. Através do mito de Saturno e das características que compõem a Saturnália, será possível observar a liberdade que o escravo Davo recebe para tecer críticas a Horácio, possibilitando reflexões acerca do comportamento do personagem romano considerado livre, mas que não o é.

Palavras-chave: Horácio; sátira; conceito de liberdade; Saturnália; Saturno.

ABSTRACT

FERNANDES, Júlia Bastos. **As Festas em Honra a Saturno: A Saturnália em Horácio**. 2024. Monografia (Licenciatura em Letras, na habilitação Português/Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

This monograph aims to analyze Satire 7, from Book II of Horace, shedding light on the reflections presented in the composition on the concept of freedom linked to self-knowledge. Satire is characterized by criticizing social vices through laughter. The text analyzed takes place during Saturnalia, a festival in honor of the god Saturn, which became known for the freedom granted to the people in Rome, and was a very important festival in the Roman calendar. Saturn was an ancient Italic god known as the god of time, but mainly as the god of the harvest. Having Saturnalia as the backdrop for Satire II, 7, becomes essential for the dialogue between the characters to take place, generating pertinent reflections. Through the myth of Saturn and the characteristics that compose Saturnalia, it will be possible to observe the freedom that the slave Davus receives to criticize Horace, enabling reflections on the behavior of the Roman character considered free, but who is not.

Keywords: Horace; satire; concept of freedom; Saturnalia; Saturn.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. MITO DE SATURNO	11
2.1. DEUS DA COLHEITA	11
2.2. SATURNO E JANO	12
2.3. SATURNO E CRONOS	13
2.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO	14
3. AS SATURNÁLIAS	16
4. AS SATURNÁLIAS EM HORÁCIO	24
4.1. AS SÁTIRAS HORACIANAS	24
4.2. A SÁTIRA II, 7	26
5. CONCLUSÃO	34
6. REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

A perspectiva de liberdade pode variar conforme o indivíduo. Alguns acreditam que ser livre é ter independência financeira, outros acreditam que a sensação de liberdade está no contato com a natureza e, para Horácio, ser livre é ter autoconhecimento. Esta é a reflexão que o poeta convida o leitor a fazer ao escrever a sátira 7, do livro II de *Sátiras* (*Sermones*), que será analisada neste trabalho. O texto se passa durante a Saturnália, festa em honra a Saturno, e este aspecto será crucial para o desenvolvimento da composição satírica, pois quem lança críticas ao personagem Horácio é o seu escravo Davo. As Saturnais estão atreladas à liberdade, pois, durante as celebrações, os escravos poderiam lançar ofensas aos seus senhores, entre outras características que serão abordadas posteriormente. A crítica social contida no texto é um aspecto satírico que vem acompanhado do riso. As sátiras horacianas abordam os mais diversos vícios humanos, trazendo uma pluralidade de personagens, incluindo escravos, filósofos e o próprio autor, que se torna personagem em alguns textos.

O presente trabalho será dividido em três capítulos que vão abordar o mito de Saturno, a Saturnália e a análise da sátira, respectivamente. O primeiro capítulo, além de apresentar o mito de Saturno e a sua relação com a colheita, Jano e Cronos, também trará uma breve abordagem acerca do tempo. Autores como Kury (1990), Brandão (1991) e Grimal (2005) tiveram suas obras consultadas como base teórica. No segundo capítulo, serão observadas as alterações no período de duração das Saturnais, a importância do *convivium* para os romanos e as características deste festival. Para debruçar-se sobre este tema, textos de autores como Robson Tadeu Cesila (2005), Fernando Navarro Antolín (2010), Alexandre Agnolon (2013), Jenny Barros de Andrade (2016 e 2018), Helena Raquel de França Costa e Altierrez Sebastião dos Santos (2018) e Jonathan Cruz Moreira (2020), foram utilizados para fomentar a pesquisa sobre a Saturnália. O terceiro capítulo, antes de destrinchar a sátira e os elementos que a compõem, trará uma breve passagem sobre as sátiras horacianas para ser possível entender um pouco dessa composição literária e os assuntos que Horácio aborda em seus textos. O apoio teórico de Enzo Del Carratore (2001), José Rodrigues Seabra Filho (2015) e Arlete José Mota (2016) se fará presente ao longo do texto. Além do apoio teórico dos autores mencionados, o capítulo contou com a tradução da sátira feita por Edna Ribeiro de Paiva (2013) – os excertos originais foram extraídos da edição estabelecida por François Villeneuve, Edições Les Belles Lettres (1989).

Este trabalho visa convidar o leitor a refletir sobre o conceito de liberdade através da análise da sátira e da festa em honra a Saturno, além da reflexão acerca do comportamento humano. Observar um texto clássico e perceber que a mensagem passada continua tão presente na atualidade, mesmo em contextos distintos, e perceber que o sentimento humano permanece o mesmo é fascinante.

2. MITO DE SATURNO

Saturno foi uma divindade romana conhecida por conceder abundância, prosperidade e igualdade para as pessoas. Além dessas características, é conhecido como deus do tempo e da agricultura. Filho do Céu e da Terra e pai de seis deuses, Saturno foi posteriormente relacionado a Cronos, deus do tempo na mitologia grega. Conhecido por portar uma foice, foi responsável por ceifar o falo de seu pai, tomando assim o poder. Posteriormente, teria migrado da Grécia para a Itália, em tempos distantes, quando seu filho Júpiter tomou o trono e o expulsou do Olimpo. O deus do tempo se instalou na colina do Capitólio, sendo recebido pelo deus Jano.

2.1. DEUS DA COLHEITA

Saturno, além de ser conhecido como deus do tempo, também ficou conhecido pela sua relação com a agricultura. Segundo Brandão (1993, p. 268), o nome Saturno está relacionado com *satus*, que é o particípio do verbo *sero*, que significa “semear” e “plantar”, o que justificaria ter sido considerado o deus da colheita e das sementeiras em Roma. Era representado com uma foice que seria um dos motivos de seu nome estar relacionado ao cultivo e à poda da vinha (GRIMAL, 2005, p. 414). A foice que carregava estava associada a duas características: a castração de seu pai Céu e a colheita dos frutos. Esse instrumento foi utilizado para libertar seus irmãos da ocultação de seu pai e também é uma ferramenta que auxilia na agricultura, permitindo plantar e colher tudo que a terra gera. *Saturnus* foi um deus itálico muito antigo que saiu da Grécia para a Itália após ser expulso do alto do Olimpo por Júpiter, em um período remoto. O deus do tempo tem sua figura relacionada à deusa Ops, conhecida como a deusa da abundância, que, além de ser sua irmã, era sua esposa. Saturno se refugiou no alto do Capitólio, onde mais tarde Roma seria fundada, e que, posteriormente, ficou conhecido como Lácio, por derivar do verbo *lateo*, que significa “estar escondido”, já que o deus utilizou o local como esconderijo (BRANDÃO, 1991, p. 269). O deus da colheita foi responsável por criar um povoado fortificado conhecido como Satúrnica e introduzir a agricultura no local, dando continuidade ao trabalho civilizatório de Jano. As pessoas que se encontravam na localidade eram conhecidas como Aborígenes e Saturno foi quem instaurou as primeiras leis dessa população. Para seu povo, o deus itálico, proporcionou a Idade de Ouro, em que nada faltava aos cidadãos, pois era tempo de fartura, plenitude, paz e leis justas. Neste período, os agricultores não precisavam se preocupar,

pois tudo nascia e florescia nas terras com facilidade.

2. 2. SATURNO E JANO

Jano é um dos principais e mais antigos deuses do panteão romano. Segundo Kury (1990), Jano era conhecido como deus supremo no hino sálio e era o primeiro a receber o sacrifício na celebração. Essa divindade obtinha duas faces, sendo uma virada para frente e a outra para trás, o que demonstrava enorme sabedoria e constante observação, pois podia ver o que passou e o que está por vir. Também conhecido como deus dos inícios, é responsável pelo começo e pelo fim de todas as coisas. Em relação à sua origem, há inconsistências – alguns estudiosos defendem ser originário de Roma e teria governado ao lado do rei Câmese, um rei sobre o qual, segundo Grimal (2005), não restaram muitas informações, além de seu nome. Por outro lado, há a hipótese de que ele teria saído da Tessália, na Grécia, com sua esposa Camise, e ter sido exilado em Roma, onde foi recebido por Câmese, que o acolheu, além de ter dividido o reinado com ele. Jano comandava o Janículo, povoado fundado por ele no topo da colina e passou a reinar sozinho, depois da morte do rei. Durante esse período, teria recebido Saturno, e assim Jano reinava no Janículo e Saturno passou a reinar na Saturnia, que ficava localizada no topo do Capitólio. O reinado de Jano ficou conhecido como Idade de Ouro e tinha como características: paz, honestidade plena e fartura de todos os bens (GRIMAL, 2005, p. 258).

Atribuída a Jano está a invenção da nau e da moeda, justificando as antigas moedas romanas de bronze que tinham a efígie do deus de um lado e a proa da nau do outro. Em algumas fontes, Jano, e não Saturno, teria sido o introdutor da civilização entre os Aborígenes, habitantes nativos do Lácio, que antes de sua chegada viviam selvagens e desconheciam as leis, as cidades e até o cultivo da terra. Jano só foi divinizado após sua morte e teria salvado Roma dos ataques dos sabinos.

Contava-se a propósito que após o rapto das sabinas por Rômulo e seus companheiros, os sabinos, sob o comando de Tito Tácio, cercaram a cidade recém-fundada, e durante certa noite Tarpéia, filha do guardião do Capitólio, entregou a cidade aos sabinos, estes subiram até o Capitólio, e estavam prestes a expulsar os seus defensores quando Jano apareceu e os pôs em fuga fazendo surgir do solo uma fonte de água fervente que os deixou apavorados. Para comemorar a salvação milagrosa de Roma os habitantes da cidade resolveram deixar abertas as portas do templo de Jano em tempo de guerra, de maneira a permitir ao deus prestar socorro aos romanos quando necessário. O templo de Jano era um pequeno santuário de bronze no Fórum, com portas abrindo para o lado leste e para o lado

oeste, que mesmo nos tempos históricos só ficavam fechadas em tempo de paz, ou seja, raramente (KURY, 1990, p. 412).

A imagem de Jano também é associada à ninfa Juturna, com quem teria se casado e tido um filho, o deus das fontes. O templo do deus bifronte ficava perto do santuário da ninfa (GRIMAL, 2005, p. 259).

2. 3. SATURNO E CRONOS

Saturno e Cronos tiveram suas imagens associadas, sendo, respectivamente, a representação romana e a grega do mesmo deus, e ambos são conhecidos como deus do tempo. Porém, a figura romana construiu uma imagem positiva, enquanto o deus grego está mais relacionado ao sombrio, como o trecho a seguir expõe:

Com o sincretismo greco-latino, em que o deus itálico, sob certos ângulos, se identificou com Crono, torna-se difícil reconstruir as características do Saturno latino. De qualquer forma, este não possuía o cunho sinistro que marcava seu êmulo grego. Se a relação etimológica de *Saturno* com *satus*, como se mostrou, é de origem popular, o fato de o deus romano ser estampado com a foice, não apenas o identifica com o deus helênico castrador, mas igualmente o converte no grande *lavrador divino*, numa polaridade realmente significativa. O cruel e o perverso, capaz de decepar um ato de amor, torna-se, em Roma, o deus da primavera eterna, da abundância e da paz (BRANDÃO, 1993, p. 270, grifo do autor).

Antes de adentrar no mito, é importante voltar um pouco para observar a criação dos deuses. Sucintamente, a mitologia narra que Cronos (Saturno) é filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra). Primeiro nasceu o Caos, e depois surgiu Gaia, que, sozinha, deu à luz a Urano, que a cobriu por inteira, fecundando-a a todo momento. Com as chuvas de fertilidade, Urano e Gaia tiveram 18 filhos, entre eles titãs, titânides, ciclopes e hecatônquiros. Urano ocultava os seus filhos, todos eram colocados no interior de Gaia, enquanto a Terra ficava sobrecarregada com o peso de sua prole. Gaia forjou uma foice e, nutrindo raiva contra Urano, pediu ajuda para seus filhos, sendo o titã mais jovem, Cronos, a se voluntariar para auxiliar a mãe. Com a ajuda materna, certa noite, Cronos ceifou o falo paterno, quando Urano tentou procriar com Gaia, fazendo com que o espaço e o tempo se fizessem presentes entre Céu e Terra, libertando as criaturas que ali viviam, e assim Cronos toma o poder de seu pai.

Após tomar o poder, Cronos se casa com sua irmã Réia e com ela tem filhos.

Sabendo da profecia de que aconteceria o mesmo que ocorreu com seu pai, o deus do tempo decide engolir todos os seus filhos para evitar que tomassem seu lugar no trono. Réia, inconformada com a situação, faz um pedido aos pais, Gaia e Urano, que a encaminham até Creta para dar à luz a Zeus. Gaia cuida do deus e Réia entrega para Cronos uma pedra envolta em um lençol que diz ser seu filho. Zeus, uma vez crescido, retorna para se vingar e conta com a ajuda de Métis, filha do Oceano, que prepara um líquido, que foi o que fez Cronos vomitar seus irmãos. A partir desse ponto, uma guerra entre titãs e deuses acontece por dez anos, até que o oráculo diz para Zeus que se ele fosse buscar os seres presos por Cronos no Tártaro, ele obteria a vitória, assim ele fez e alcançou o sucesso destronando seu pai. Cronos e os outros titãs são presos no lugar dos hecatônquiros (GRIMAL, 2005, p. 105).

2. 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO

Falar sobre o tempo se torna um assunto complexo, que pode ramificar diversas vertentes de estudos e possibilidades. O tempo pode ser encontrado na física, na psicologia, na filosofia, na linguística, na história etc. Como este tópico não é o foco principal do trabalho, as definições acerca do tempo serão abordadas de maneira trivial.

Na física, o tempo se apresenta como uma grandeza capaz de ser medida, com unidades que podem variar de acordo com o sistema escolhido para medir a duração de um acontecimento (MARÍN, 2023). Para Isaac Newton, o tempo acontecia de maneira uniforme, era contínuo, sendo assim, na física clássica, esse fenômeno era imutável, acontecia de maneira linear. Albert Einstein é responsável pela teoria da relatividade que defende o tempo como relativo, ou seja, ele pode se comportar de diferentes maneiras a partir da velocidade e da gravidade (LAPOLA, 2024).

No campo da psicologia, uma das formas consideradas é o tempo a partir do indivíduo e de suas vivências. Cada pessoa terá uma percepção e uma forma de lidar com o tempo, a depender de diversos fatores externos e internos, como idade e personalidade, por exemplo. Dentro desse campo, vale acrescentar a impressão de quando o tempo passa rápido e quando passa devagar. Quando o indivíduo está focado em uma ação, ele tende a não pensar no tempo, gerando a sensação de passar mais rápido, enquanto quando está entediado, tende a perceber o tempo e pensar sobre ele, o que faz com que tudo passe mais devagar.

No campo da filosofia, o mundo inteligível e o mundo sensível de Platão se

relacionavam com o tempo, fazendo com que esse fenômeno fosse a imagem móvel da eternidade. Aristóteles já enxergava uma relação entre tempo e movimento, sendo assim, o tempo não findava, pois o movimento nunca para. Para Santo Agostinho, o tempo está relacionado à construção do espírito humano, que segundo Lapola (2024), também estava relacionado à memória e à antecipação. O tempo linguístico está ligado ao agora, o futuro e o passado são pontos de vista a partir do presente. Diferente dos outros tópicos, a linguística dependerá totalmente da fala (NUNES, 1995). O tempo linguístico não se reduz ao tempo cronológico. Consoante Nunes (1995, p. 22),

Cada vez que você fala com alguém é agora que você fala, e agora é o presente da enunciação funcionando como eixo temporal a partir do qual os eventos se ordenam. A enunciação é o ponto de emergência do presente (presente linguístico), e é a emergência do presente o tempo próprio da linguagem.

O tempo histórico é um conceito que se refere a um conjunto de acontecimentos que marcam uma nação ou a humanidade. É uma interpretação qualitativa de eventos passados, que compreenderá o contexto, as causas e as consequências dos acontecimentos. Segundo Nunes (1995), esses acontecimentos podem ser classificados em intervalos curtos ou longos. Os intervalos curtos consistem em acontecimentos específicos, como guerras, movimentos políticos e religiosos. O intervalo longo está relacionado a fatos mais complexos que passam por um processo de formação, como o desenvolvimento de sociedades.

3. AS SATURNÁLIAS

As Saturnais ou Saturnália são os nomes designados para as festividades feitas em honra ao deus Saturno que aconteciam no solstício de inverno. Considerada uma festa licenciosa, devido à inversão de comportamentos, suspensão das regras e de todas as atividades, sejam elas sociais, econômicas, militares, políticas e atividades religiosas, que não fossem em honra a Saturno (CESILA, 2005, p. 274). A comemoração tinha como objetivo, além de honrar o deus do tempo e da colheita, relembrar a Idade de Ouro, período no qual reinou e que ficou conhecido pela abundância, prosperidade, igualdade, liberdade e felicidade plena. Em *Dicionário Latino-Português*, de Ernesto Faria (2020, p. 892), a palavra *saturnalia* representa seu sentido próprio, sendo as celebrações, mas também é atribuído um sentido figurado, significando dias de liberdade, comemorações e alegria, que era justamente como essa data era vista pelos romanos, como tempo de diversão e com um distanciamento das leis.

Através do apoio teórico de Agnolon (2013) e Costa e Santos (2018), foi possível identificar que, provavelmente, em sua origem, a Saturnália acontecia em um único dia, mais especificamente, o décimo quarto antes das calendas de janeiro. No fim do período republicano, Júlio César reformou o calendário romano acrescentando dois dias ao mês de dezembro. Consequentemente, a celebração passou a acontecer no décimo sexto dia antes das calendas de janeiro, portanto, a festa começava em torno do dia 19 de dezembro e, depois da reforma, passou a se iniciar no dia 17 do mesmo mês. Um dos motivos para a população continuar comemorando por sete dias, mesmo com as variações oficiais, seria o tempo favorável, com o encerramento da produção agrícola. Com o fim do plantio e das colheitas, o período era ideal para a terra poder descansar e para a plantação recomeçar na próxima estação. Era tempo do povo romano desfrutar do trabalho concluído, de celebrar e agradecer a colheita. Consoante Agnolon (2013, p. 76–77),

As Saturnais, como vimos, costumavam ocorrer na época do solstício de inverno. [...] Nesse sentido, não é à toa que, para consolidar esse regime de exceção, por assim dizer, teatralizado, aliás, pelo retorno da Idade de Ouro, as Saturnais devessem acontecer no momento em que todos os trabalhos produtivos, especialmente nos campos, eram interrompidos, ou seja, as Saturnais eram celebradas no período de consumo de todos os alimentos, remetendo às origens agrárias da festa. O festival se configurava, pois, como verdadeira festa da colheita. No lugar do labor extenuante da lavoura, o homem festeja o produto desse trabalho, e a abundância que granjeou dos campos se converte em signo peculiar da festa, em que, supostamente, o regramento e o delicado racionamento de alimentos são

deixados de lado.

Como explicitado anteriormente, a Saturnália acontecia em um único dia, porém, há evidências de que talvez ela já fosse comemorada no período de sete dias antes da reforma do calendário juliano. Mesmo com essa inconsistência relacionada aos primórdios das Saturnais, outras mudanças atreladas à duração da festa ocorreram durante os anos. No período de Cícero, as festividades duravam um total de sete dias, tendo início no dia 17 de dezembro (CESILA, 2005, p. 274). Augusto foi o responsável por oficializar três dias de comemorações através da emissão de um edito, reduzindo os dias das Saturnais, pois teria ficado preocupado com o recesso muito longo (AGNOLON, 2013, p. 66; COSTA; SANTOS, 2018, p. 189). Calígula aumenta o tempo de celebração para cinco dias e concede o perdão para os acusados de traição no império de Tibério (14–37 d.C.), mas após certo tempo o quinto dia foi abolido, não se sabendo ao certo o motivo. Cláudio retoma os cinco dias de festival e Domiciano oficializa os sete dias (AGNOLON, 2013, p. 68–70). Ficou estabelecido que as festas aconteceriam do dia 17 de dezembro até o dia 23, retomando as comemorações por uma semana, como o povo romano continuou celebrando, independente dos decretos oficiais.

Alguns motivos estão atrelados ao aumento de dias da Saturnália. A reforma do calendário juliano e o edito de Augusto são considerados contribuintes para esse aumento, mas celebrações romanas como as Opálias, as Larentais e as Sigilárias também estão atreladas a essa extensão, considerando que essas comemorações acabaram se fundindo com as festas saturninas e, conseqüentemente, atribuíram mais dias às comemorações. Segundo Agnolon (2013, p. 67), as Sigilárias eram um mercado, localizado em Roma, famoso pela venda e fabricação de objetos lavrados e de estatuetas. Antes de fazer parte da Saturnália, as Sigilárias ocorriam após as festas saturninas, entre os dias 21 e 22 de dezembro, e alguns autores mais antigos consideram essa festividade como um evento legítimo religioso. Durante essa celebração, as pessoas trocavam presentes, mais especificamente, pequenas estatuetas que podiam ser feitas de diversos materiais, incluindo metais nobres, como ouro e prata. As pequenas estátuas podiam ser relacionadas a temas eróticos, míticos ou cômicos (AGNOLON, 2013, p. 68). Outra festividade que tinha relação com as Saturnais é a festa em honra à deusa Ops, conhecida como deusa da Terra e da fertilidade. As Opálias aconteciam no dia 19 de dezembro e celebravam a fertilidade da deusa que era protetora da terra e da agricultura. A relação entre os deuses ocorre por estarem interligados com a colheita, o plantio e a abundância, além de Saturno e Ops serem

irmãos e casados na mitologia romana. A festa em honra à Aca Larência também acabou se fundindo com as Saturnais. *Acca Larentia* é uma divindade da mitologia romana e, conforme a lenda, foi quem amamentou Rômulo e Remo. Segundo Agnolon (2013, p. 71), é possível perceber a relação entre as duas celebrações:

[...] as lendas em torno de Aca Larência – e o seu culto, as Larentais – relacionam-se, por um princípio de similitude, às Saturnais, seja pelos ingredientes notoriamente eróticos e cômicos da narrativa, seja pelo fato de o jogo cumprir nas histórias um papel de fundamental importância.

A Saturnália era uma das festas mais populares e esperadas pelo povo romano. Mesmo com os fatores colaborativos citados anteriormente, é importante salientar que essa festa não dependeu apenas de determinações oficiais ou de outras festividades para estender as comemorações. Contou, principalmente, com o apelo da população, devido à grande adesão à festa, que fez com que as Saturnais recebessem grande destaque em um breve espaço de tempo. Dito isto, aumentar os dias da Saturnália também era uma forma de controlar o povo, de fazer o imperador ser aceito pela plebe, de evitar uma possível revolta dessa parcela da sociedade e auxiliar o *princeps* a se consolidar no poder, principalmente, no início do governo. Um exemplo dessa estratégia de consolidação foi a suspensão da prisão dos condenados por traição no governo de Tibério, dado por Calígula, em 37 d.C., fato já mencionado. Observando o exposto, pode-se dizer que aumentar o número de dias do festival era uma forma de “agradar” à população para facilitar o governo do *princeps*.

Saindo da esfera de duração da festa, outro ponto relevante para abordar são os banquetes romanos, que aconteciam não só durante as Saturnais, mas em muitos momentos de celebrações em Roma. Quando se fala sobre o banquete romano, um termo utilizado é o *convivium*, que significa “banquete”, “refeições em comum”, mas também significa “reunião de convidados” (FARIA, 2020, p. 248). No trecho seguinte, é possível observar como funcionava o preparo do *convivium* e como cada detalhe do banquete carregava um significado, como o lugar que cada conviva ocupava:

O momento festivo ocorria no *triclinium*, um divã ocupado pelos participantes segundo sua proximidade com o anfitrião. Assim, o lugar do conviva no espaço físico do banquete, além dos mecanismos de distribuição dos alimentos, exprimia a hierarquia presente nesse momento festivo. Há uma relação de poder claramente exposta no banquete, afinal, a oferta de alimentos era permeada de valores e de símbolos, variando de acordo com quem oferecia o banquete (ANDRADE, 2016, p. 22).

O banquete não era apenas uma prática específica para refeições, mas também era um momento importante para haver diálogos, trocas culturais, convívio e socialização entre os convivas. Relacionada a esses fatores que compõem o *convivium* está a preocupação com o comportamento dos convidados durante a celebração. Consoante o texto de Andrade (2016, p. 20),

Esses integrantes, a partir do momento em que abrem mão de sua autonomia fisiológica e se adequam às regras que lhes são impostas, experimentam um processo de socialização. Através da educação e pela formação cultural que possuem, os convivas se portam de determinada forma no momento do banquete, permitindo que o ambiente da festa, permeado por regras, conduza o seu comer, beber, agir e falar.

Seguir as normas do banquete, conforme a demanda da celebração, carregava um grande significado e atuava como uma característica essencial para o convidado conseguir se inserir em determinado grupo e ser aceito socialmente. Atrelado à educação que era necessária para ser possível participar dos banquetes, um aspecto primordial era a temperança, considerada uma virtude moral e que deveria estar presente durante os momentos de interação e convivência dos convidados. Tal virtude tinha como objetivo evitar o excesso e a carência, pois devia haver equilíbrio e moderação no comportamento dos participantes, sendo assim, é possível classificar a temperança da seguinte maneira:

Uma das virtudes morais consiste na temperança (*sophrosyne*), que está relacionada aos prazeres corporais ligados ao paladar e ao tato, como o beber, o comer e o sexo. Se a virtude consiste no equilíbrio das ações e das emoções, a temperança é definida por uma atitude de moderação diante dos prazeres do corpo: o indivíduo virtuoso não se deixa levar pelos desejos dos intemperantes: não há sofrimento, dor ou angústia diante da falta de prazeres e, quando se deleita, é de forma comedida (ANDRADE, 2018, p.182).

Segundo o trecho supracitado, a temperança é responsável por equilibrar os prazeres do paladar e do tato. Já os demais sentidos (visão, audição e olfato) não precisam dessa regulação, por serem, conforme Andrade (2016, p. 23), a contemplação do belo, portanto, não correm riscos de intemperança. Como mencionado anteriormente, essa virtude está diretamente ligada ao equilíbrio, pois ela não se refere apenas ao excesso, mas também à carência, mostrando que o caminho ideal é a moderação. O consumo do vinho é utilizado para exemplificar tal virtude, pois o cuidado com o consumo demonstrava civilidade, sendo utilizado como parâmetro para aproximar ou afastar pessoas. Aqueles que não soubessem

se portar poderiam ser excluídos da sociabilização. Conforme Andrade,

Uma das principais discussões envolvia a ingestão do vinho. Na Antiguidade, a forma como se realizava o consumo da bebida distinguia o indivíduo civilizado do bárbaro. O fato de se ter o cuidado com o uso do vinho, revela que isso porta um significado: de civilização, de distinção. Uma prática comum, era a mistura do vinho com a água para dosar a bebida realizada nas *crateras*, que são recipientes próprios para essa prática (ANDRADE, 2016, p. 24).

Sendo assim, se adequar aos comportamentos da festividade era algo muito importante, era uma forma de determinar quem era temperante ou intemperante para participar do banquete. Seguir as regras específicas de cada festividade era necessário para o conviva conseguir se adequar à sociedade. Em um trecho do texto de Andrade (2016, p. 25), o autor deixa claro a importância de seguir as determinações do evento:

[...] perceber que o ambiente da festa está permeado por normas que irão moldar o corpo desse comensal. Macróbio não representa as saturnais como um período de aniquilamento de uma ordem, mas uma festa que possui suas leis para o cumprimento do ritual.

Por mais que houvesse liberdade, também havia normas que precisavam ser seguidas em prol do rito que estava sendo cultuado naquele momento, que no caso das Saturnais, era ao deus Saturno. Esses comentários expostos mostram que toda festividade tem regras e, mesmo sendo considerada uma festa licenciosa, na verdade, a Saturnália era uma festa rodeada de diretrizes e preceitos que deveriam ser seguidos durante o evento. Voltando o olhar para a Saturnália, é possível citar algumas normas que a população deveria seguir durante o festival. Agnolon (2013, p. 75) faz uma alusão interessante: que a Saturnália seria um grande teatro, em que o palco era o mundo e as pessoas interpretavam viver sob o comando de Saturno. No lugar das máscaras teatrais, usadas no teatro antigo, todos usavam o *pileum*. Durante essa semana, o lúdico entrava em cena e o barrete reorganizava a sociedade, fazendo com que as pessoas aderissem a novas leis, deixando a hierarquia do cotidiano para “viver” na Idade de Ouro. O início da festa saturnina ocorria da seguinte maneira:

As Saturnais iniciavam com um sacrifício do templo dedicado ao deus situado no Foro, na *ara Saturni*. Em seguida, ocorriam um banquete solene (*lectisternium*) e um festim público (*conuiuium publicum*) patrocinados pelo tesouro, em que *senatores* e *équites* abandonavam suas insígnias, títulos honoríficos e qualquer coisa que os distinguisse hierarquicamente –

segundo Tito Lívio, no início, eram os próprios senadores encarregados de preparar o *lectisternium* – “e os próprios senadores preparavam os leitões”, *et eum lectum senatores strauerunt* (AGNOLON, 2013, p. 75).

A festa começava com os sacrifícios, os banquetes eram seguidos de gritos que anunciavam as Saturnais (*Io Saturnalia!*) e as brincadeiras começavam pelas ruas. Durante as festas, os romanos não poderiam usar a toga ou qualquer outra roupa, como as vestimentas militares, que mostrasse a posição social do cidadão. Trajes específicos deveriam ser utilizados, que eram a *synthesis* e o *pallium* (ANDRADE, 2016, p. 21). Entre os dias 18 e 19 de dezembro, havia um banho pela manhã, talvez como forma de purificação, ou como forma de se recuperar da noite passada, tirando a fuligem dos candeeiros (AGNOLON, 2013, p. 75). Além das características mencionadas, era escolhido pelo povo o rei satírico que dava ordens durante a semana de celebrações, tendo a oportunidade de satisfazer todos seus desejos. A semana da Saturnália era conhecida por permitir comportamentos que não eram adequados no restante do ano; era tempo de divertimento, havia um pouco mais de liberdade para os escravos e para os plebeus, pois era o momento de lembrar um período em que a igualdade pairava sobre o Lácio. Durante as festas, a cidade parava, o mercado não funcionava, assim como as escolas, o senado etc.

Mesmo com essa visão de liberdade e inversão de valores, nem sempre esses aspectos eram seguidos de maneira literal. Para retratar esse tempo remoto, durante os banquetes, os escravos podiam se sentar à mesa com seus senhores ou até poderiam ser servidos por eles durante a festa, mas é preciso cautela para falar deste tópico. Segundo Costa e Santos (2018, p. 192), “Apesar de as Saturnais, via de regra, serem reconhecidas como prerrogativa de ser um tempo de ‘iguais’, na prática, o distanciamento social entre classes não era interrompido nos dias da festa”. A escolha de como o *convivium* seria organizado era do *paterfamilias*, e alguns não gostavam de inverter completamente os papéis, então optavam por se sentarem com os escravos. Outros faziam uma inversão hierárquica total e até os serviam no banquete, ou seja, cada casa coordenava à sua maneira. Por esse motivo, a alusão ao teatro encaixa-se perfeitamente na Saturnália, pois a semana de festa era apenas uma grande interpretação. Os escravos e plebeus não estavam isentos das regras, ainda havia limites que eram impostos e precisavam ser respeitados durante as celebrações. Um aspecto importante que merece atenção é o fato de alguns escravos precisarem exercer suas funções durante o festival, como, por exemplo, cozinhar, preparar o banquete e entreter os convivas. Sendo assim, esses escravos não gozavam da

liberdade dada pelas autoridades. Costa e Santos (2018, p. 191) descrevem essa “inversão social” e o que plebeus e escravos tinham permissão para fazer na Saturnália:

O plebeu poderia ser nobre e ser servido pelo seu senhor; o escravo poderia lançar injúrias e brincadeiras sarcásticas sobre seus senhores sem ser punido depois, não significando, no entanto, que havia um parâmetro para regular a inversão dos papéis. Fechadas as portas ao anoitecer, tudo poderia continuar como sempre fora.

Os escravos eram livres até certo ponto, havia uma liberdade maior comparada aos outros dias, mas também havia regras e limites que precisavam ser respeitados. Nem tudo era totalmente aceito, pode-se observar essa peculiaridade na sátira 7, do livro II das *Sátiras* do poeta Horácio (65 a.C.–08 a.C.), que será analisada no capítulo quatro deste trabalho. A título de exemplificação, em um diálogo entre Davo (escravo) e Horácio (senhor), o escravo pede permissão para falar algumas palavras para seu senhor. Horácio pede para que ele aproveite o período das Saturnais para dizer o que precisa e Davo lança críticas sobre seu mestre. Em certo ponto, já no final da sátira, Horácio, não gostando do que estava ouvindo, manda o escravo desaparecer da sua frente. Esse é um ótimo exemplo para observar o comportamento dos romanos e como as divisões sociais continuam vigentes, mesmo durante a festa do deus que promoveu igualdade entre os cidadãos. Para evitar possíveis conflitos, segundo o texto de Costa e Santos (2018, p. 192),

A folga no contrato social romano, com vários níveis de servidão, era necessária para aliviar tensões, sendo, por exemplo, uma forma de evitar que o *paterfamilias* viesse a ser vítima de seus clientes, dependentes ou escravos, algo que era possível.

De acordo com Agnolon (2013, p. 76), “Também vimos que os procedimentos de inversão, os jogos, as brincadeiras presentes no decorrer do festival tomavam por princípio o rebaixamento da vida oficial”. Além das características já citadas neste capítulo, existem outras que também são essenciais para caracterizar as Saturnais. A estátua de Saturno ficava coberta e os pés da imagem ficavam amarrados com fios de lã durante o ano. Apenas no dia 17 de dezembro a estátua era liberta, com a população dando início às festividades. Jogar nozes era uma típica brincadeira para crianças e, durante o festival, os adultos também a praticavam. Os jogos que eram proibidos – como os jogos de azar, por exemplo –, eram liberados durante a Saturnália.

A tradição dos jogos, proibidos durante todo o ano, eram liberados durante as Saturnais: podia-se jogar em troca de nozes e não dinheiro. Jogavam-se dados, adivinhações, disputava-se e apostava-se sobre tudo. Rinhas eram montadas com aves e até lutas eram marcadas (COSTA; SANTOS, 2018, p. 191).

Outra prática muito popular durante as Saturnais, vinda da Sigilária, é a troca de presentes. Os presentes poderiam ser enviados para o destinatário, ou poderiam ser entregues pessoalmente durante o *convivium*. Eles precisavam ser conforme a classe social da pessoa, ou seja, quem tinha dinheiro deveria entregar um presente melhor, enquanto quem era mais pobre poderia entregar uma lembrança mais simples. Caso o cidadão desse um presente abaixo da sua condição financeira, esse ato era visto de maneira negativa, pois havia expectativas sobre o que seria recebido. Quem não retribuía a lembrança também era mal visto, pois quando se enviava um presente, havia a expectativa de receber outro em troca.

4. AS SATURNÁLIAS EM HORÁCIO

Neste capítulo, será feita a análise da sátira II, 7 de Horácio. A sátira tem como contexto a Saturnália, festa em honra a Saturno, como já foi abordado anteriormente, e consiste em um diálogo entre Horácio e seu escravo Davo. A composição traz o riso, mas, além disso, traz reflexões importantes acerca do comportamento do indivíduo na sociedade e a definição do que é ser livre. No texto, Davo expõe uma série de pensamentos que podem ser associados tanto ao comportamento de Horácio, criticado pelo escravo, quanto às condutas da sociedade contemporânea, considerando que suas observações se encaixam na atualidade, mostrando que nem todo homem livre de fato o é. Para ter liberdade, é preciso mais do que ser considerado livre, é preciso ter autoconhecimento. Nesse texto, a Saturnália é um fator essencial para existir o diálogo, pois um escravo tecer críticas sobre seu senhor, só era permitido durante as celebrações saturninas e, mesmo assim, deveriam ser feitas com cautela, o que seria determinado pelo *paterfamilia*, como foi apresentado no capítulo anterior.

4.1. AS SÁTIRAS HORACIANAS

A sátira tem o objetivo de expor críticas acerca dos comportamentos e vícios das pessoas e da sociedade de maneira sarcástica, tendo o riso como uma de suas características para abordar os costumes sociais. Lucílio é considerado o criador desse gênero, sendo assim, seria uma composição poética totalmente romana. Há a hipótese de que a sátira foi criada com a influência de características da comédia grega, como exposto no trecho a seguir:

origina-se para uns de elementos teatrais extraídos da Comédia Nova grega, cuja temática parte do coletivo, explorado pela Comédia Antiga, para o particular, objetivando as preocupações e relacionamentos dos indivíduos entre si (MOTA, 2016, p. 2).

Consoante os textos consultados, a palavra sátira provém da expressão *satura lanx*, significando prato de várias misturas dedicado à deusa Ceres, podendo ser variações de frutas ou legumes. Em *Dicionário Latino-Português*, de Ernesto Faria (2020, p. 892), a relação fica evidente, ao encontrarmos que *satura* é uma iguaria composta de vários elementos e pode ser mistura de gêneros em uma mesma composição ou mistura de prosa e

verso.

Por mais que Lucílio seja o precursor do gênero, incluindo nos textos a didática moralizante, o poeta Horácio foi responsável por aprimorar e retomar a sátira no período de Augusto, trazendo o riso ao falar dos maus comportamentos da sociedade. Enquanto Juvenal trouxe outra característica para a composição satírica, a qual foi a indignação com as atitudes consideradas inaceitáveis.

Voltando o olhar especificamente para as sátiras horacianas, o poeta escreveu dois livros de sátiras, que ele chamou de *Sermones*. Segundo Mota (2016, p. 2), “o primeiro livro foi publicado em 35 a.C. e o segundo em 30 a.C.”. Ao total, são 18 sátiras em hexâmetros, sendo dez textos no livro I e oito no livro II, que abordam diversas temáticas, exploram os mais variados defeitos humanos e trazem personagens múltiplos, que vão de filósofos até escravos. O excerto a seguir destaca os assuntos tratados em cada composição satírica de Horácio:

As 18 sátiras horacianas são do tipo conversações literário-filosóficas e contemplam assuntos diversos, conforme a regra do gênero satírico. Assuntos do primeiro livro: I, 1 sobre os que estão descontentes com sua sorte e invejam a sorte de outrem; I, 2 sobre ater-se a um meio termo e evitar o excesso; I, 3 opinião que cada qual tem de si mesmo; I, 4 sobre o gênero satírico; I, 5 sobre uma viagem com Mecenas; I, 6 sobre os que acusam de origem humilde o poeta; I, 7 discussão entre dois defensores em tribuna I; I, 8 sobre feitiçarias; I, 9 sobre um importuno; I, 10 julgamento sobre Lucílio, valor do texto literário. Assuntos do segundo livro: II, 1 contra os críticos; II, 2 elogio da vida simples; II, 3 sobre loucuras humanas; II, 4 gastronomia; II, 5 testamentos; II, 6 elogio da vida campestre; II, 7 a liberdade como exclusiva do sábio; II, 8 um banquete ridículo. Embora de assuntos variados, é possível dividir essas peças todas em sátiras literárias (I, 4, I, 10 e II, 1), sátiras morais (I, 1, I, 6, I, 8, I, 9, II, 2 a 8) e sátiras lucilianas (I, 2, I, 3, I, 5, I, 7) (SEABRA FILHO, 2015, p. 57–58).

Em algumas sátiras, Horácio se coloca como personagem e acaba por apresentar incongruências no discurso de uma composição para a outra, demonstrando ser possível rir de si e das suas contradições.

Inclinando brevemente o olhar para algumas informações biográficas sobre Horácio (65–08 a.C.), pode-se citar que o poeta nasceu no sul da Itália, em Venosa, em uma época, segundo Murachco (2002, p. 103), “conturbada por políticas públicas”. Seu pai era um escravo liberto e fez questão de levar o filho até Roma para estudar, e foi responsável por formar um homem de caráter. Saindo da rápida passagem pela biografia do poeta, Carratore (2001) aborda uma visão interessante em relação aos textos de Horácio. O autor

diz que a vida de Horácio está refletida em seus escritos, pois através deles é possível acessar múltiplos sentimentos e ver o caráter do poeta. Suas composições não guardam segredos de seus leitores, mas, ao contrário, aproximam o leitor do autor. Horácio era filho de um liberto, como apresentado anteriormente, e teve uma vida campestre durante a infância. O poeta tinha orgulho dessas características de sua vida e chegou a escrever sobre o pai que foi quem lhe deu sábios conselhos e lhe ensinou a olhar o mundo de maneira realista, que o fez seguir o meio termo, que

reflete sua extrema sabedoria: sua **aurea mediocritas** não é senão a posição do sábio que procura evitar os excessos de várias naturezas, que sabe impor um freio às suas paixões, que sabe, conhecendo os homens, dominar o mundo, que é capaz de rir (CARRATORE, 2001, p. 52–53, grifo do autor).

Sendo assim, Horácio foi um poeta pautado pelo equilíbrio e pela razão, que usava o riso para tecer críticas sobre a sociedade e foi responsável pelo aperfeiçoamento artístico da composição satírica. Abordou temas diversos que narravam atitudes negativas que impediam o alcance de uma vida coerente e moderada.

4. 2. A SÁTIRA II, 7

A sátira II, 7 de Horácio, consiste em um diálogo entre o escravo Davo e o seu senhor, Horácio. Os cinco primeiros versos se iniciam com Davo expressando sua vontade de dizer algumas palavras, mas pontua que sente receio devido à sua posição de escravo. Com a permissão para falar, por ser dezembro, esse aspecto leva o leitor a identificar que o fundo da sátira se passa durante a Saturnália, considerando que nessa época aconteciam as festas dedicadas a Saturno, em que escravos e senhores invertiam seus papéis ou ocupavam um lugar de igualdade, período no qual se dispõe de maior liberdade. O primeiro ponto que vale ressaltar é que Davo, mesmo nas Saturnais, não fala diretamente, mas demonstra incerteza, precisando do aval do seu senhor para poder falar. Esse aspecto demonstra o que foi citado no capítulo dois, sobre como a Saturnália era uma festa de liberdade até certo ponto. Mesmo encenando o período da Idade de Ouro, ainda assim havia regras que permeavam o evento em honra a Saturno e limites que não podiam ser ultrapassados, demonstrando que as posições sociais não se apagavam completamente.

Após a autorização, Davo expõe diversos comportamentos contraditórios dos homens livres. Realiza críticas aos vícios e faz um discurso sobre como Horácio está preso

à visão do mundo sobre ele, não se permitindo fazer o que gostaria, mas sim o que seria mais bem aceito socialmente. Vivendo, assim, na incoerência, pois se encontra entre os vícios e o que seria uma vida equilibrada. Davo inicia suas críticas da seguinte maneira¹:

“Pars hominum uitiiis gaudet constanter et urget
propositum; pars multa natat, modo recta capessens,
interdum prauis obnoxia [...]”.
(*Sat. II, 7, 6–8*)

DAVO: Quanto mais perseverante nos mesmos vícios, tanto menos infeliz e superior do que aquele que sofre, ora com a corda retesada, ora frouxa.

No trecho acima, é colocado que muitos homens vão pelo caminho do vício e se deliciam com as práticas viciosas, mas existe uma parte ainda maior, que na incerteza do que fazer, acaba alterando entre se sujeitar aos vícios e seguir os comportamentos corretos. Ou seja, há uma crítica não apenas para quem vive de maneira viciosa, mas também para aqueles que se encontram na dualidade entre o aceitável e o não aceitável. Nas palavras seguintes (nos versos 18–20), o discurso fica ainda mais interessante, pois Davo diz que aquele que se deleita em vícios é menos infeliz que aquele que luta na dualidade do certo e errado. Essa é uma das passagens que podem gerar grande reflexão, pois o indivíduo que se encontra no erro e tem consciência do seu ato é mais feliz do que aquele que está preso em dois caminhos distintos. Tomar atitudes boas ou ruins, tendo conhecimento sobre isso, é uma escolha, mas quando a pessoa quer seguir o caminho ideal, independente do motivo, e acaba por ceder aos vícios, há um conflito interno, pois aquela pessoa não sabe ao certo o que deseja. É a dúvida entre ser o que é moralmente recomendado e se permitir deleitar nas atitudes que são consideradas falhas. A partir desse trecho, é possível refletir sobre o homem que não consegue decidir o que é melhor para si, não sabe escolher o que lhe faz feliz de fato, pois a cada momento decide adotar um tipo diferente de conduta. Um dos exemplos dados por Davo (*Sat. II, 7, 9–12*), é a incoerência de Prisco, que vivia a dualidade das coisas, uma hora queria ser um filósofo e em outro momento opta por viver como um devasso. Horácio questiona a quem o escravo se refere ao falar sobre a incoerência do homem. Davo prontamente diz que está se referindo a Horácio, que pergunta mais uma vez, fazendo com que o escravo retome sua fala e disserte sobre o que guardava dentro de si, esperando o momento ideal para falar.

As falas seguintes de Davo são longas, proporcionando ao escravo aprofundar sua

¹ Os excertos escolhidos são seguidos das traduções realizadas por Edna Ribeiro de Paiva (2013), como esclarecemos na Introdução deste trabalho.

tese sobre os vícios e a dualidade dos homens considerados livres. Alguns comportamentos são citados nos versos seguintes da sátira, como a falta de credibilidade que Horácio tem no que ele mesmo diz acreditar. Para exemplificar a falta de confiança e a vontade de ser o melhor, o escravo diz que Horácio proclama a superioridade de suas crenças, sem ao menos ter convicção, provando que falta autoconhecimento para estabelecer seus princípios, suas preferências e a vida que deseja levar. Quando Davo diz que Horácio, quando não convidado para jantares, enaltece seus legumes, mostra que as escolhas do seu senhor são pautadas no “eu” que precisa se colocar nesse lugar de comparação para se reafirmar. O fato de não ser convidado para jantar pode demonstrar que Horácio não foi prioridade do anfitrião, o que faz com que ele precise se sentir superior a esses eventos para os quais não foi requisitado, sendo assim, há a necessidade de provar que ele é feliz. Esse é um movimento que ocorre com frequência na atualidade, principalmente com a ascensão das redes sociais. Muitas pessoas sentem a necessidade de se autoafirmar, de mostrar o quanto estão felizes, como têm acesso às melhores coisas e como elas merecem ser aceitas pelo corpo social que compõem suas redes. É necessário pontuar que não é possível aplicar esse conceito a todos os indivíduos, mas há uma grande parcela que precisa dessa aprovação social. Mediante “curtidas” e comentários, o usuário tem a sensação de pertencimento, o que pode afastar algum sentimento de exclusão, ou pode ter seu sentimento de superioridade diante de alguma situação reafirmado.

Quando Davo expõe que Horácio vai para os lugares como se estivesse algemado, se considerando feliz por não precisar beber (*Sat.* II, 7, 30–32), é mais uma comprovação de que, mesmo sendo um homem considerado livre, está preso ao olhar da sociedade sobre ele. Preso às amarras da mente, pois faz o movimento de precisar se reafirmar e se enquadrar, visando que dessa forma vai conquistar a aprovação ou talvez será convidado para um jantar, como exposto na sátira. Um aspecto importante a ser analisado é quando Davo faz referência ao campo, mostrando a inconstância do seu mestre, que, quando está em Roma, quer ir ao campo, mas quando vai, deseja a cidade. Conectando a vida pessoal do poeta com o texto, talvez seja possível fazer a seguinte análise: Horácio nasceu em Venúsia, uma região campestre, mas depois foi para Roma. Uma possível interpretação seria a de que o poeta esteja criticando a si mesmo, pois quando está em Roma quer o campo, mas quando vai para o campo, pensa na cidade. Essa reflexão se torna plausível quando recordamos que Horácio se coloca no lugar de personagem, em alguns textos, e demonstra incoerências, revelando-se também falho e indicando, ao mesmo tempo, que é possível rir de si mesmo.

Nos versos seguintes (*Sat. II, 7, 37–43*), o poeta utiliza um recurso muito interessante, pois o personagem que tece as críticas apresenta seus próprios defeitos durante o discurso e faz uma série de comparações entre ele e seu mestre. Nesta passagem, Davo confessa seus defeitos, deixa claro os adjetivos que podem ser atribuídos a ele, dizendo ser comilão, além de fraco e preguiçoso. Sendo assim, diferente dos homens que tentam esconder seus vícios e defeitos, que aparentam estar sempre perto do que é correto, ele assume, sem medos, as suas falhas. Davo é um homem que reconhece seus defeitos e isso faz com que não se sinta atingido, pois tem convicção de quem ele é, mostrando que tem autoconhecimento. Davo ainda pergunta se seu senhor irá mascarar seus vícios com palavras bonitas, fazendo-se superior em relação ao seu escravo, e expõe que seu mestre é mais insensato do que ele. Colocar Horácio em um lugar de insensatez vem justamente dessa falta de consciência do personagem, pois, conforme citado na própria sátira, é menos infeliz aquele que se delicia em seus vícios. Horácio ainda vive a dualidade entre suas falhas e mostrar à sociedade que vive baseado em princípios, que segue o que é considerado correto.

É possível iniciarmos uma breve reflexão acerca de Davo, que não se deixa ofender por ter conhecimento de si mesmo, enquanto Horácio, de certa forma, se ofende se não é convidado para um banquete, fatos que mostram a diferença que o autoconhecimento atribui a cada um. Tal atitude dos personagens poderia ser explicitada por meio de um comentário realizado em uma palestra de Leandro Karnal (*FILOSOFIA RADICAL*, s.d.), na qual o professor expõe que uma pessoa só pode se ofender se assim o permitir. Quando alguém ofende outra pessoa, há duas possibilidades: ou o ofensor está dizendo a verdade, ou está mentindo. Logo, nenhuma das duas alternativas deveria conseguir atingir o suposto ofendido, pois, se for verdade, não há nada a ser feito diante de um fato; e, se for mentira, o indivíduo que recebe a ofensa deve ter o autoconhecimento para saber que aquela fala não procede. Deixar-se ofender é dar ao outro esse poder, isso significa abandonar um estado de paz e deixar que o ofensor consiga abalar o alvo da ofensa. Controlar o sentimento de raiva diante de situações como essas não é tarefa fácil, mas é um exercício constante de conhecimento próprio, até que se consiga paz, sem deixar que algum fator externo atinja o indivíduo.

Nos últimos versos citados anteriormente, surge um tom cômico da sátira, quando Davo pede para que Horácio segure sua feição de desaprovação e contenha sua raiva. Sucessivamente, Davo continua seu diálogo e a comparação entre seus comportamentos e os de Horácio. Entre suas críticas, o escravo pergunta quem comete o erro mais grave, ele,

que se satisfaz com a meretriz e com qualquer mulher que aceite se deitar com ele, ou Horácio, que se sente atraído pela esposa alheia. Desde o início de sua crítica, Davo vai descrevendo um homem que comete erros, mas que não confessa, pois perante a sociedade precisa mostrar que segue o caminho de boas condutas, precisando se dividir entre o certo e o errado, mas aparentando estar sempre em um nível de superioridade em comparação aos outros.

Na sátira II, 7 (75–83), em certo ponto, Davo coloca Horácio em um lugar de inferioridade, por se submeter aos vícios, à opinião alheia, como se Horácio fosse escravo e estivesse na mesma posição que ele. Esse trecho pode levar à seguinte conclusão: Horácio se diminui para poder se encaixar socialmente, submetendo-se ao que a sociedade considera correto e também ao que as pessoas esperam, ou seja, ele quer sempre alcançar as demandas impostas pela sociedade, sendo que, ao mesmo tempo, vive uma vida repleta de vícios e falhas.

O que também chama atenção nessa sátira é sua atemporalidade, pois mesmo inserida em um contexto específico, ela ressalta os sentimentos e o comportamento humano, que essencialmente permanece o mesmo. A vontade de pertencer a um grupo, de agradar as pessoas que estão ao redor, além da vontade de acertar e de lidar com o erro, todos esses aspectos permeiam a vida humana, independente da época. Pensar sobre o lugar que ocupamos enquanto indivíduos na sociedade, delimitar limites nas relações e pensar no poder de escolha é essencial para podermos pertencer a um grupo que nos acolha, e não que nos domine, seja direta ou indiretamente.

Depois de colocado como inferior por se submeter a tantas pessoas e atitudes, sendo comparado a um escravo, pois ele mesmo se escraviza, além de se permitir ser controlado pelo outro, Horácio então pergunta quem é livre. Esse trecho é de extrema importância para a análise da sátira selecionada, considerando que os próximos versos apresentam claramente a temática da liberdade atrelada ao autoconhecimento. Por mais possível que seja reconhecer, ao longo de todo o poema, que a liberdade é a principal pauta, no próximo trecho fica nítido o tema abordado, além de denotar o que caracteriza um homem livre, consoante o poeta Horácio. É apresentado o que faz com que o homem fique ausente da liberdade, pois, até o momento, isso não havia sido exposto, o que torna um homem livre e quais características definem a liberdade do indivíduo. Todas as falas de Davo são de extrema importância para entendermos a construção de Horácio e como ele se faz prisioneiro de si mesmo e da sociedade, mas os versos a seguir se tornam essenciais para essa análise:

“[...]sapiens sibi que imperiosus,
 quem neque pauperies neque mors neque vincula terrent,
 responsare cupidinibus, contemnere honores
 fortis, et in se ipso totus, teres atque rotundus,
 externi nequid ualeat per leue morari,
 in quem manca ruit semper Fortuna. Potesne ex
 his ut proprium quid noscere? [...]” (*Sat. II, 7,*
 83–88)

DAVO: O sábio, que é senhor de si, que nem a pobreza, nem a morte, nem os grilhões aterrorizam, forte em resistir às paixões, em desprezar as honras e, todo concentrado em si mesmo, polido e redondo, para que nada do exterior possa tocá-lo, ainda que de leve, contra o qual a sorte se precipita sempre impotente. Podes, por essas características, reconhecer alguma como tua mesma?

Esta passagem evidencia que Horácio, sendo um homem livre, não o é, e que ter liberdade está associado ao autoconhecimento. Um ponto extremamente importante é a definição de “livre” que Davo expõe na sátira. Seria o indivíduo que realmente se conhece, que não deixa nenhuma pessoa ou coisa acessar o seu íntimo. Quem é senhor de si não se deixa ceder aos vícios. Uma característica que chama atenção é o uso do substantivo *cupido* (*cupidinibus*, v. 85), que está relacionado às vontades, mas também aos vícios. Diferente do amor, a paixão é passageira e, conforme Faria (2020, p. 266), o vocábulo pode significar “cobiça”, “desejo” e “vontade”, ou seja, aquele que é livre não se deixa levar pelos prazeres e pelos desejos. A falta de conhecimento sobre si mesmo torna o indivíduo prisioneiro de sua própria mente, em uma batalha constante entre atingir um ideal imaginário, considerando que todas as pessoas erram e não existe perfeição, tentando ser aceitos nos grupos aos quais querem pertencer e socializar. Esse é um assunto complexo, que pode ser desenvolvido de diversas perspectivas, mas o olhar que o trabalho traz é de reflexão sobre o conceito de liberdade e até que ponto as pessoas se privam de algo para tentar atingir um ideal.

Abordando de maneira superficial o processo de autoconhecimento, na psicanálise, conhecer a si mesmo é uma maneira de criar consciência, permitindo que o indivíduo consiga identificar sentimentos, ações, e que consiga analisar suas relações sociais. Essa construção de si, estar frente a frente consigo mesmo, faz com que a pessoa se torne melhor. Tomar consciência é perceber que nem todas as nossas ações são benéficas e que é preciso encontrar a razão pela qual praticamos essa atitude. Conhecer reações e emoções faz com que a pessoa crie limites e estratégias para viver uma vida sem tensões

alguns momentos o riso aparece para colaborar com a composição satírica. Dois momentos cômicos foram colocados em meio às críticas sociais. A quebra da reflexão, trazendo o traço cômico, no primeiro momento, partiu de Davo, quando pede para que Horácio não feche o semblante e controle sua raiva enquanto ele fala, e o segundo momento é protagonizado por Horácio no fim da sátira, exposto neste parágrafo. O fim da sátira retoma um tópico abordado no capítulo sobre a Saturnália, mostrando que as celebrações em honra a Saturno não são sinônimos de liberdade. Por mais que seja vista como uma festa licenciosa, deveria haver um limite entre os participantes da festa, mantendo a hierarquia social que existia na cidade. Davo, ocupando o lugar de escravo, mesmo com a permissão de Horácio, ultrapassou os limites do seu senhor, que acaba com o discurso mandando que ele saia da sua frente.

5. CONCLUSÃO

A partir das informações apresentadas, vimos que a Saturnália e a sátira II, 7 de Horácio carregam a liberdade como característica. Talvez Horácio tenha escolhido as Saturnais como cenário para sua composição sobre o homem livre, devido ao tema que é muito presente na festividade. A sátira traz uma reflexão pertinente sobre o que é ser livre e a quais situações as pessoas se submetem para se sentirem pertencentes à sociedade, por falta de autoconhecimento. Também pode-se concluir que a Saturnália tinha como propósito lembrar um período pleno, trazendo novamente as características positivas do reinado de Saturno, fazendo com que os romanos vivessem teatralmente a ideia de manter a *urbs* abundante e revivessem um período em que todos poderiam se sentir iguais. Para que essa visão fosse passada, durante as festividades, a divisão de classe social não atuava tão forte como no decorrer do ano, havendo uma inversão social. Era uma festa em que as regras ficavam suspensas, ou melhor, as regras mudavam durante a semana do evento. Sendo assim, os jogos que costumavam ser proibidos eram permitidos, como os jogos de azar; os escravos tinham algumas liberdades, a depender do seu senhor; havia troca de presentes, entre outros aspectos que contemplavam as Saturnais a fim de lembrar a Idade de Ouro, quando Saturno ainda reinava. A Saturnália era uma das celebrações mais populares do calendário e certamente a mais alegre também.

6. REFERÊNCIAS

AGNOLON, A. **A Festa de Saturno: O Xênia e Apoforeta de Marcial**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-02102013-111443/>.

ANDRADE, J. B. Corpo e Festa na Antiguidade Tardia: o convivium nas Saturnais, de Macróbio. *Revista Cadernos De Clio*, v. 7, nº1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/clio.v7i1.41733>.

ANDRADE, Jenny Barros. Temperança e moderação no ‘convivium’ tardo-antigo: uma análise com base na ‘Saturnalia’, de Macróbio. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [S. l.], n. 12, p. 178–190, 2018. DOI: 10.17648/rom.v0i12.20927. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/20927>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CARRATORE, E. D. Introdução ao estudo das sátiras de Horácio. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 2, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3193>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CESILA, R. T. Saturnais: uma época para ler Marcial. **Phaos**, v. 5, p. 13-19, 2005.

COSTA, H. R. F.; SANTOS, A. S. Saturnais: Culto, Religião e Simbolismo. **Revista Eletrônica Correlatio** v. 17, n. 2 - Dezembro de 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/229074630>.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Latino-Português**. 2ª Edição. Belo Horizonte - MG: Garnier, 2020.

FILOSOFIA RADICAL. Não dê ao outro o poder de te ofender – Leandro Karnal. **Youtube**. Disponível em: <https://youtu.be/S6LEOf35V9Y?si=n2y3TZDnrzzv2uIC>.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução: Victor Jabouille. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Estudo e Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

HORACE. **Satires**. Texte établi et traduit par Francois Villeneuve. 11ème tirage. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

HORÁCIO. **Sátiras**. Tradução e Comentários de Edna Ribeiro de Paiva. Editora EDUFF, 2013.

KURY, M. G. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LAPOLA, M. Como a ciência define o que é tempo? Físico explica; entenda. **Revista Galileu**, 05/06/2024. Coluna Quânticas. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/colunistas/quanticas/coluna/2024/06/como-a-ciencia-define-o-que-e-tempo-fisico-explica-entenda.ghml>.

MACROBIO. **Saturnales**. Traducción de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Gredos, 2010.

MARÍN, E. M. (Março 2023). Conceito de Tempo (na Física). **Editora Conceitos**. Em <https://conceitos.com/tempo-fisica/>. São Paulo, Brasil.

MOREIRA, J. C. **Io Saturnalia!** História Antiga a partir de baixo. 23 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.subalternosblog.com/post/io-saturnalia>.

MOTA, A. J. Horácio: poeta e crítico social. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1–5, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9106>.

MOURA, M. M. Processo de Autoconhecimento: da filosofia à psicanálise. **Psicanálise Clínica**. Conceitos e Significados, Filosofia e Psicanálise. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/processo-de-autoconhecimento/>.

MURACHCO, F. Sobre a sátira 2 do livro I de Horácio (introdução, tradução e análise). n. 8 (2002): **Ética Ontem e Hoje**. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/126>.

NUNES, B. **O tempo na narrativa**. 2º Ed. São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

NUNES, T. As três metamorfoses de Nietzsche e o autoconhecimento. **Vida de Yoga**. 16/09/2014. Disponível em: <https://vidadeyoga.com.br/as-tres-metamorfozes-de-nietzsche-e-o-autoconhecimento/>.

PSICÓLOGOS EM BELO HORIZONTE. O que é: Noção de tempo. **Psicólogos em Belo Horizonte**, 7 de julho de 2023. Disponível em: <https://psicologosembh.com.br/glossario/o-que-e-nocao-de-tempo/>.

SEABRA FILHO, J. (2015). Sátira e Retórica. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, 9(1), 56-66. Recuperado de <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/836>.